



ALUTA EM VARSÓVIA

As tropas alemãs entraram em Varsóvia em 29 de setembro, e, desde os primeiros dias, impuseram incontáveis restrições aos judeus.

«... Não se pode trabalhar em instituições públicas ou estatais, não se pode preparar nenhum alimento no forno, não se pode ganhar mais de 500 zlotys por mês, [...] não se pode viajar em trens, bondes, [...] Todo judeu deve, a partir dos 12 anos, portar no braço direito uma braçadeira branca com um Magen David. [...]. O não cumprimento destas ordens tem uma única ameaça, cujo castigo é a morte. [...]. Simultaneamente, começa a vigorar uma lei não escrita de responsabilidade coletiva» .

— MAREK EDELMAN —



No final de 1939, grande parte da direção das tnuot noar começa a regressar a Varsóvia para fazer renascer os movimentos, que, em alguns casos, haviam deixado de funcionar.

Em 12 de outubro de 1940, os alemães decretam a criação de um gueto em Varsóvia. A superlotação, a fome, o medo e as doenças eram os fatores que compunham o dia a dia dos judeus poloneses.

Durante os primeiros dois anos, as tnuot noar atuaram de maneira destacável; seus membros tinham, no movimento, um lugar de acolhimento, de ajuda social e, principalmente, uma razão para seguir vivendo: ajudar aos necessitados, continuar instruindo-se, continuar com o propósito sionista, manter forte a dignidade humana e a honra judaica.

No início de 1942, chegaram a Varsóvia mensageiras provenientes da zona de Vilna para contar os acontecimentos lá ocorridos; naquela cidade, o exército alemão havia começado um plano sistemático de extermínio, durante o qual foram aniquilados 40 mil judeus nos bosques de Ponar.

«Para que o povo adquira consciência da necessidade de se defender era preciso fazê-lo conhecer o trágico destino que lhe esperava. [...]. Que hoje era Vilna-Ponar, e amanhã seria Varsóvia...»

— TZIVIA LUBETKIN —

«Eu fiquei muito impactada pelos órgãos de comunicação subterrâneos, toda uma rede de jornais que davam voz às ideias mais diversas. [...] O gueto de Varsóvia não estava desconectado do mundo. Tinham uma ativa vida pública, cultural e educativa. [...] Escreviam-se poemas de rebelião, ensinava-se as crianças a amar a beleza, a justiça, a história e as ciências»

— JAIKA GROSSMAN —